



PESQUISA MOSTRA REALIDADE DE “ÍNDIOS CIDADINOS” NA AMAZÔNIA

Já se passaram mais de 500 anos desde o descobrimento do Brasil e os índios ainda são conhecidos principalmente por seus costumes e hábitos ligados a vida nas aldeias, mas, neste 19 de abril, o que chama atenção é a migração desses povos para as capitais brasileiras. Os chamados “índios citadinos” se tornam cada vez mais comuns e, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), eles já correspondem a mais de 36,2% da população indígena do país. Na região Norte, dos mais de 324 mil indígenas registrados pelo último censo, mais de 90 mil vivem fora das aldeias.

Esse choque cultural tem gerado muitas discussões no meio acadêmico, como aponta a tese de doutoramento “Políticas Públicas e os Indígenas Citadinos: estudo das políticas indigenistas de educação e saúde em Belém e Manaus (1988 a 2010)”, defendida pela pesquisadora Laura Ximenes, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Índios em Belém e Manaus - A partir da pesquisa foi possível identificar que, em Belém, alguns desses índios residem em bairros centrais, como São Braz, ou periféricos, como o Bengui, ou ainda em municípios vizinhos, como Santa Izabel do Pará e Benevides. Em Manaus, também são encontrados vivendo em diversos bairros, desde os considerados centrais, como Cachoeirinha, até os mais afastados e sem saneamento básico ou infraestrutura, como “Cidade de Deus”.

Além disso, o estudo também aponta que, em Belém, encontra-se a presença de indivíduos ou famílias de diferentes etnias, tais como: Juruna, Sateré-Mawé, Gavião, Munduruku, Karipuna, Kambeba, Amanayé, Tembé, Apalai, Galibi, entre outros. E, em Manaus, a população indígena residente é constituída pelas etnias: Apurinã, Arapasso, Baniwa, Baré, Dessano, Kambeba, Kocama, Kuripako, Mura, Munduruku, Piratapuia, Sateré-Mawé, Tariano, Tikuna, Tukano, Tuyuka e Wanano.

“A ausência de políticas públicas de saúde e educação que atendam efetivamente às necessidades dos povos indígenas nas aldeias leva ao processo de migração para as cidades. A busca de atendimento de saúde e de educação de qualidade, bem como em graus de ensino não ofertados nas aldeias tem provocado a saída de indivíduos ou famílias das aldeias”, explica a professora da UFPA.

Esse desafio de mudar a rotina de vida não é simples para os índios que migram para os centros urbanos da Amazônia. Pois ao migrarem, se deparam com situações de exclusão e marginalização, com políticas públicas que não atendem as mínimas condições de promover o respeito e a dignidade do grupo, apesar da existência de um aparato legislativo com validade formal e vigência que regulamenta a referida comunidade, considera a Laura Ximenes.

Segundo a professora da UFPA, os resultados da pesquisa são importantes por avaliar qualitativamente a situação dos indígenas que vivem nas cidades e por incentivar a discussão e a atenção do meio intelectual, da comunidade indígena e de outros profissionais interessados na problemática vivenciada pelos índios citadinos, o que pode beneficiar os direitos das populações indígenas e ampliar os investimentos públicos para estes povos.

Texto: João Thiago Dias - Assessoria de Comunicação da UFPA